

Paisagem do medo: poluição, água potável e o imaginário social do rio Tibagi em Londrina/PR-1970/1990

Gilmar Arruda¹

Resumo: Paisagem do medo é um conceito chave para entendermos a influência da poluição na relação entre natureza e sociedade no mundo contemporâneo. O foco principal deste texto é a influência da poluição do rio Tibagi na ação dos movimentos sociais e ambientalistas em Londrina/PR na década de 1980.

Palavras chaves: paisagens do medo; poluição; movimentos sociais e ambientalistas.

Abstract: The landscape of fear is a important concept to understand the influence of pollution into the relationship between society and nature in the present-day world. The main focus that paper is the influence of Tibagi river pollution in the action of social and environmental movement of Londrina/PR in the 1980's years.

Keywords: landscape of fear; pollution; environmental and social movements

As paisagens são artefatos da cultura historicamente determinados, transformando-se com as próprias sociedades que os criam. São compostas de camadas de representações, das quais algumas possuem suas origens a centenas, às vezes, milhares de anos, e outras são tão recentes quanto o presente: “Compõe-se tanto de camadas de lembranças quando de estratos de rochas.(...) Mas também é verdade que nos custa imaginar um único sistema natural que a cultura humana não tenha modificado substancialmente, para melhor ou para pior.” (SCHAMA, 1996, p. 17).

O termo e o conceito “paisagem” é polissêmico e vêm sendo usado por vários campos do conhecimento, especialmente a geografia. Paul Claval (2004), entre outros, entende que “os geógrafos se interessaram pelas paisagens desde que sua disciplina foi constituída: é através deles que os viajantes, que se utilizam da geografia, apreendem a natureza das regiões que percorrem.”(p. 16).

Existe então uma aproximação entre a perspectiva aberta pela história ambiental, colocadas acima a partir de Donald Worster(1991), e o conceito de paisagem como uma dos elementos resultantes das relações estabelecidas entre as sociedades e a natureza. Um componente do imaginário social, mas também capaz de alterar a própria organização do espaço, ou seja, a própria natureza. A paisagem não seria apenas uma projeção de algo que se deseja, mas também aquilo que estabelece uma ligação entre a memória/passado da

¹ - Departamento de História/Universidade Estadual de Londrina/PR.

apropriação da natureza com o futuro dessa mesma ligação, ou seja, o desejo, os projetos futuros de sua apropriação.

Provavelmente, uma das mais instigantes contribuições na discussão sobre paisagem tenha sido efetivada por Yu-Fu Tuan ao propor as “paisagens do medo.” Para Tuan o medo é sentido por todos os “animais superiores”:

Sem dúvida, não são apenas os seres humanos que sentem medo. Todos os animais superiores conhecem-no como uma emoção que indica perigo e é necessária para a sobrevivência. A tendência é suprimir esse fato de nossa consciência, talvez por necessitarmos preservar a “natureza” como uma área de inocência na qual possamos nos refugiar quando estivermos descontentes com as pessoas. Para nós, flores e seixos numa praia são imagens de tranquilidade. Certos animais, como uma gata amamentando seus filhotes ou uma vaca pastando em um campo, são quadros de placidez maternal. A placidez *no* mundo não humano é, entretanto, ilusória.”(2006, p. 08).

O medo é um sentimento, embora possa ser percebido como instinto, afora casos patológicos, como a esquizofrenia, ele é resultado da construção e, nesse sentido, pode ser estudado como fruto da cultura, ou como “paisagem”:

O que são as paisagens do medo? São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De certa forma, toda construção humana – mental ou material – é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos. (idem, p. 12)

Nos contos de fadas, nas lendas dos adultos, nos mitos cosmológicos, bem como nos sistemas filosóficos, podem ser encontrados refúgios “construídos pela mente nos quais os homens podem descansar, pelo menos temporariamente, do assédio de experiências novas e da dúvida” (idem). As moradias são fortalezas construídas para defender os seres humanos da natureza e seus elementos. Assim, também o é todos campos cultivados, os quais são “arreatados da natureza, que procurará destruí-los se não houver um incessante esforço humano.”(idem). Os seres humanos constrói fronteiras, como cercas vivas dos jardins, muralhas nas cidades, ou proteção do radar, com a finalidade, ou na “tentativa de manter controladas as forças hostis.”(idem)

Yu-Fu Tuan ao informar como podem ser estudadas as paisagens do medo se aproxima do campo da história, isto é, introduz a temporalidade como necessária para a sua investigação:

As paisagens do medo não são situações permanentes da mente, ligadas a segmentos imutáveis da realidade tangível; nenhum esquema atemporal pode

simplesmente englobá-las. Por isso é necessário abordar as paisagens do medo tanto da perspectiva do indivíduo quanto do grupo, e colocá-las, ainda que sob a forma de tentativa, em marco histórico. (idem, p. 14/15).

Um dos sentimentos relacionados ao medo é a ansiedade. A análise de Tuan embasa a afirmação, feita acima, da existência de uma “ansiedade climática permanente”. Afirma o autor:

Os seres humanos não suportam viver em permanente estado de ansiedade. Necessitam manter uma sensação de controle, não importa quão ilusória possa ser. Celeiros, poços e açudes proporcionavam um certo grau de segurança no passado, mas somente um certo grau: nada podia proteger o populacho dos grandes desastres. Até que a tecnologia moderna deu aos seres humanos a sensação de domínio sobre a natureza, eles não podiam confiar nos seus próprios artefatos; estes tinham que ser complementados com rituais mágicos e cerimônias. (idem, p. 113).

Os Institutos Meteorológicos e a cotidiana divulgação de suas previsões parecem ser uma evidência da procura de controle da ansiedade. Aparatos tecnológicos modernos que atuam no controle da ansiedade simultaneamente com as tradicionais “simpatias” para alterar o clima, para se cessar ou provocar a chuva.

Por último, Yu-Fu Tuan, considera que: “Uma natureza externa que parecia todopoderosa e difícil de prever era uma das principais causas de insegurança humana e medo nos tempos pré-históricos, nas civilizações arcaicas e nas sociedades tribais e tradicionais.”(idem, p. 117). Parece, entretanto, que este medo, não se refere apenas as sociedades mencionadas pelo autor. A ameaça da “crise ecológica”, “catástrofe ecológica” e “aquecimento global” pode ser comparada ao mesmo tipo de “paisagem do medo” da natureza percebida por aqueles grupos sociais. Talvez, o componente de diferenciação seja a origem da ameaça: resultado da tentativa de controle e não da falta de controle da natureza pelos humanos.

A cidade de Londrina, situada no norte do Estado do Paraná, sul do Brasil, surgiu no processo de expansão da fronteira agrícola nos anos de 1930, impulsionada pela cafeicultura. Tal como diversas outras cidades, faz parte de um processo de re-ocupação da região promovida por uma companhia imobiliária de origem inglesa, em uma área superior a 500.000 alqueires (aproximadamente 1.200.000ha). A presença desta companhia na região era resultado de uma política do governo do Estado do Paraná que pretendia conseguir recursos para o tesouro estadual ao mesmo tempo que promovia a transformação das imensas florestas do norte do Estado, ocupadas naquele momento, ainda, por alguns grupos indígenas não

aldeados e moradores brancos esparsos. Lugares que comumente eram designados pelo termo de sertão, inexplorados, ou desabitados.

O crescimento populacional de Londrina, conforme pode ser observado na tabela abaixo, nos dá uma idéia da radical transformação da natureza ocorrida no período que vai dos anos de 1930 até a atualidade. Mudança que praticamente eliminou a exuberante cobertura florestal, classificada como parte da mata atlântica, ou de floresta densa estacional, e a transformou em áreas de agricultura.

TABELA 1 – Evolução da População de Londrina – 1935 – 2000

Ano	Urbana		Rural		Total
	No	%	No	%	No
1935	4.000	27	11.000	73	15.000
1940	19.100	25,4	56.196	74,6	75.296
1950	34.230	47,9	37.182	52,1	71.412
1960	77.382	57,4	57.439	42,6	134.821
1970	163.528	71,7	64.573	28,3	228.101
1980	266.940	88,5	34.771	11,5	301.711
1991	366.676	94	23.424	6	390.100
2000	433.369	96,9	13.696	3,07	447.065

Fontes: Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000- IBGE.(Adaptado de SILVA, Andressa Lourenço. p. 66.)

Em cidades, como Londrina, que no final da década de 1970 contava já com quase 300 mil habitantes, sendo que no início do século XXI este número ultrapassou a casa dos 500 mil habitantes, aparecem outras inúmeras demandas e conflitos pela utilização da natureza, além da ‘reorganização da natureza para a agricultura.’. O abastecimento de água potável aos seus habitantes é um problema constante e, em momentos de stress hídrico, uma luta em torno da “conquista da água”, um dos feitos da urbanização moderna.(WORSTER, 2005, p. 116) Desde o início da década de 1970, vinha ocorrendo na cidade discussões e e proposições de projetos com a finalidade de “resolver” o que era diagnosticado como o “problema do abastecimento”.

Um dos planos consistia na construção de um sistema integrado de captação das águas do rio Tibagi, 40 km a leste de Londrina, pretendendo abastecer varias cidades da região. Este

plano ficou conhecido como Projeto Tibagi. Porém, a sua implementação em uma conjuntura do início da transição democrática no Brasil, com a volta das eleições diretas para governador em 1982 e do surgimento da “era da ecologia” enfrentou a oposição de diversos setores dos habitantes da cidade, notadamente de sindicalistas e ambientalistas mas que, em determinados momentos, encontrou apoio em empreiteiros locais.

As evidências de que os londrinenses entraram na ‘era da ecologia’ podem ser percebidas na segunda metade da década de 1970, quando o abastecimento de água potável entrou em crise e o problema chegou na imprensa, nos movimentos sociais e na fundação da primeira associação ecológica na cidade.² Podemos identificar três principais motivações dos atores sociais que se opunham ao projeto de captação das águas do rio Tibagi. A primeira provinha da APPEMMA – Associação Paranaense de Proteção e Melhoria do Meio Ambiente, fundada em 1978 pelo engenheiro agrônomo Marcos Antonio Silveira Castanheira; a segunda, originava-se nos empresários da construção civil da cidade de Londrina que haviam ficado de fora do processo licitatório devido as regras estabelecidas pelo governo do Estado; e em terceiro lugar, a defesa da captação das águas do Aquífero Guarani, veiculada, principalmente, pelo Sindicato dos Engenheiros de Londrina – SENGE, através do seu diretor Nelson Amanthea. Analisaremos neste texto apenas o posicionamento dos ambientalistas e dos sindicalistas.

A APPEMMA – Associação Paranaense de Proteção e Melhoria ao Meio Ambiente surgiu por iniciativa de Marco Antonio Castanheira. Nascido em Paulo de Farias, norte do Estado de São Paulo, formou-se em agronomia na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz em Piracicaba em 1972. Transferiu-se para o Paraná em meados da década tendo trabalhado no Banco do Brasil e, posteriormente, ingressado no IAPAR – Instituto Agrônomo do Paraná de onde sairia no início dos anos de 1980 para fundar a VALCOP – Cooperativa do Vale do Tibagi. A inclinação pelo ambientalismo, segundo suas próprias memórias, se originou durante o período da graduação, no qual teve contato com alguns personagens e discussões que o levaram a pensar a natureza de forma diferenciada. Com seu deslocamento para o Paraná entrou em contato com a degradação dos solos provocada pela intensa atividade agrícola, especialmente numa época na qual os cafezais estavam sendo substituídos pela lavoura mecanizada do soja, trigo e milho.

² - Na movimentação de oposição ao projeto Tibagi e em defesa da exploração do Aquífero Botucatu/Guarani se destacaram dois personagens: Marco Antonio Silveira Castanheira e Nelson Amanthea. O primeiro por ter sido o, provavelmente, o primeiro ambientalista, na acepção contemporânea do termo, na cidade de Londrina. O segundo por ter sido um dos fundadores do Sindicato dos Engenheiros de Londrina e por estar presente em diversas ações no processo..

Mas a participação mais intensa e abrangente foi no debate sobre o sistema de água da cidade. Neste episódio, a postura de Marco Antonio Castanheira era, sobretudo, denunciar a situação das águas do rio poluídas por ‘organoclorados’. Em entrevistas, cartas, artigos, conferências e debates Castanheira expôs sua opinião sobre o rio. Como, por exemplo, a longa entrevista publicada por um jornal da cidade no início dos anos de 1980.(Folha de Londrina, 03/08/1982).

Nesta entrevista expõe seus argumentos sobre a situação do rio Tibagi e as origens da poluição de suas águas. Resumidamente, ele argumentava que sua insistência em denunciar a qualidade da água do Tibagi não era gratuita. Tendo conhecimento de toda a bacia do rio, adquirida no tempo que trabalhara como fiscal do Banco do Brasil, e munido de um mapa apontava para os focos da poluição. O primeiro deles estava no alto Tibagi, na região de Ponta Grossa e Castro com a poluição derivada da agricultura. Mais abaixo no curso do rio, no município de Telêmaco Borba, encontra-se a empresa Klabin, produtora de celulose, onde “vários acidentes ecológicos surgiram nos últimos anos, em consequência da terrível lixívia negra, lançada à água pela indústria local de papel. Ao descrever a região de Londrina, Marcos Castanheira optou analisar as duas margens separadamente. Na margem direita estava era o foco da produção algodoeira do Estado, os municípios de São Jerônimo da Será, Santa Cecília do Pavão, Assai, Jataizinho, etc, cujos afluentes do Tibagi que cortam estes municípios deságuam acima do ponto de captação previsto no projeto da SANEPAR – Companhia de Saneamento do Paraná. “Nesse foco são plantados 20 mil alqueires de algodão a cada safra. E cerca de 300 mil litros de inseticidas e herbicidas são despejados, sem contar mais 25 mil litros usados em 6 mil alqueires de soja(...). Já na margem esquerda do rio, na qual encontra-se a cidade de Londrina, a situação não seria menos grave. Ali esta o Ribeirão Limoeiro “famoso pela poluição que recebe dos hospitais, indústrias e agricultura hortifrutigranjeira.que recebe dos hospitais, indústrias e agricultura”. Tem-se também a “bacia do Três Bocas, que tem como afluente o Cambezinho – que nada mais é que Lago Igapó.” Embora nesta entrevista Marco Castanheira já tivesse incorporado argumentos de outros setores, especialmente sobre os custos, o centro de sua argumentação era a poluição do rio.

O Sindicato dos Engenheiros de Londrina, através de dois de seus diretores, Nelson Amanthea e Osvaldo Barros, tiveram participação intensa na discussão ao longo de 1982 e, logo após a posse do prefeito Wilson Moreira no início de 1983, participaram da “Comissão Comunitária”, criada para debater as opções de fornecimento, assunto que abordaremos mais

adiante. Porém, a presença Nelson Amanthea nas discussões sobre o sistema de abastecimento de água data do final da década anterior.

Nelson Amanthea, engenheiro civil,³ nascido em Taquaritinga, Estado de São Paulo, onde cresceu e viveu até o início da década de 1970 quando se deslocou para São Carlos, também no oeste daquele Estado, onde ingressou no curso de engenharia civil da Universidade Estadual de São Paulo (USP). Em 1978, já graduado, veio para Londrina onde começou a trabalhar na Universidade Estadual de Londrina. Seu interesse pelas águas subterrâneas remonta a sua infância na cidade de Catanduva, interior do Estado de São Paulo, quando testemunhou a perfuração de um poço artesiano nas imediações de sua casa: “Aquilo foi importante para mim, chegou a ser publicado no jornal de Catanduva, aquela água que veio lá das profundezas, e tal. Talvez isso tenha despertado em mim um maior interesse e quando eu estava estudando engenharia fiz um projeto de abastecimento de uma cidade através de água subterrânea.”

Quando chegou em Londrina, diariamente haviam notícias sobre as tentativas de perfuração de um poço profundo que estava sendo realizada pela SANEPAR para atingir o Aquífero Botucatu. Segundo ele, aquilo lhe chamou a atenção e começou a se inteirar do assunto. Motivado pelo seu interesse em águas profundas, procurou saber mais dos problemas daquele poço e passou a ler edições anteriores de jornais na Biblioteca Municipal. Nesta pesquisa acabou entrando em contato com Marco Antonio Castanheira, o presidente da APPEMMA. Segundo Amanthea, Castanheira tinha um conhecimento muito grande sobre o rio Tibagi e a sua poluição mas pouco sobre o Aquífero. A relação estabelecida entre Amanthea e Castanheira a partir das reuniões que estavam ocorrendo no período permitiu que as informações sobre o aquífero que Amanthea havia pesquisado chegasse ao público através da imprensa.

As articulações entre o ambientalismo, os movimentos sociais e a paisagem do medo na cidade de Londrina, ficam mais evidentes com as movimentações que ocorreram entre o final de 1982 até 1986. Com o envolvimento de diversos setores de Londrina, como representantes do Sindicato dos Engenheiros, um grupo, denominado de Comissão Comunitária começou a se reunir, embora tenha se esvaziado quando o prefeito divulgou sua opção pelo projeto Tibagi, em maio de 1983..⁴ Ainda assim, continuou a se reunir e discutir,

³ - Entrevista realizada no dia 16 de janeiro de 2009, Londrina-PR.

⁴ - Essa é a opinião de Nelson Amanthea no seu depoimento e também no sua dissertação de mestrado. Ver AMANTHEA, 2004 p.148-54. e Folha de Londrina. Londrina. Moreira defende a execução da 1ª etapa do Projeto Tibagi. 14/05/1983. p.4.

no final do ano divulgou um documento com várias sugestões. Neste momento, em uma discussão com o Secretário do Interior do Governo do Estado, Nelson Friedlich, foi estabelecido um compromisso no qual o governo do estado se comprometia em executar as medidas propostas. Este documento ficou conhecido Programa Integrado de Saneamento Básico da Grande Londrina - Prosan-83.(AMANTHEA, 2004, p.154) Era o fim da “Comissão Comunitária”. Embora, nem todos os que participavam tiveram a mesma percepção do compromisso. Segundo Amanthea: “Na mesma oportunidade, Nelson Amanthea, diretor do Senge-Ld, afirmou: “Esta pesquisa, da maneira como está colocada, não tem razão de ser já que o Projeto Tibagi prevê a captação completa para o ano 2000 [...] Isso é simplesmente uma jogada política!”. Outro integrante desta comissão, Marco Antonio Castanheira, presidente da Appemma, declarou: “Hoje existe um compromisso tácito, histórico, dos nossos governantes, dos nossos dirigentes, em promover e fazer a despoluição de um rio, além de continuar buscando outras alternativas”⁵

Após dois anos sem nenhuma iniciativa concreta tanto em relação ao projeto Tibagi quanto aos pontos estabelecidos pelo Prosan-83 o Sindicato dos Engenheiros de Londrina divulgou uma ‘carta aberta’ ao governador cobrando aqueles compromissos.⁶

Segundo a opinião de Amanthea, além do não cumprimento dos compromissos e a divulgação do trabalho da Surehma – Superintendência de Recursos Hídricos e Meio ambiente em 1984, denominado “Poluição das Águas Internas do Paraná por Agrotóxicos” acirrou novamente a mobilização em torno da questão do abastecimento de água para a cidade de Londrina. Esta movimentação rapidamente articulou diversos sindicatos e entidades de classe da cidade de origem ao movimento denominado “Pró-Água”, que atravessaria o ano de 1986 com intensa mobilização da população, através de reuniões, debates, músicas, panfletos, etc.(Jornal do Senge, 1985. p. 1). Liderado pelo Sindicato dos Engenheiros de Londrina, tendo Nelson Amanthea como uma das suas principais lideranças articulou os sindicatos em torno de uma bandeira ‘ambientalista’, a defesa da água pura.

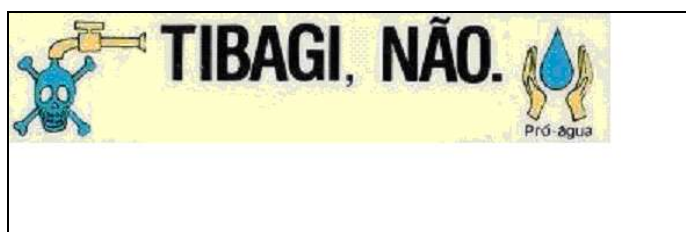
A referência ao relatório de poluição por agrotóxicos emitido por um órgão do governo como fator de mobilização de sindicatos, associações profissionais e de moradores em torno de um movimento demonstra, inicialmente, como a era da ecologia havia já

⁵ - idem, p.155.

⁶ - Os compromissos, Segundo AMANTHEA, eram: Entretanto, os principais compromissos assumidos pelo governo estadual não foram cumpridos, como se verifica a seguir: o Governo comprometeu-se, em 1983, a interligar, em caráter emergencial, o poço Cafezal (ainda hoje, abandonado); a executar as *Estações de Tratamento de Esgoto* de Londrina (concluídas somente em 1996 para atendimento de 68,3% da população); a perfurar mais poços no Aquífero Botucatu, até dezembro de 1985 ([...] executado em agosto de 2002). (2004, p.155).

alcançado uma penetração entre a população da cidade de Londrina. Devemos considerar que esta articulação ocorreu impulsionada por uma crise no fornecimento de água potável, agravada por um período relativamente longo de estiagem e de falta de investimentos no setor. A poluição aparece como uma ameaça que deve ser evitada, especialmente quando esta atinge diretamente um elemento natural essencial para a sobrevivência, a água. Nos panfletos criados pelo ‘Pró-água” podemos perceber mais claramente esta associação entre poluição, ameaça e mobilização.(ver figura 1)

Figura 1



Fonte: Centro de Documentação e Pesquisa Histórica/Coleção Nelson Amanthea.

O sindicato de engenheiros, por meio de seu diretor Nelson Amanthea, liderou e impulsionou esta mobilização que chegou a ter música veiculada por rádios locais. No final do ano de 1986 o movimento havia perdido força e se desarticulou⁷. O projeto Tibagi tornou-se uma realidade e foi inaugurado no início da década seguinte.

REFERÊNCIAS

Jornal Folha de Londrina

Jornal Nossa Cidade

Jornal do Comércio

Jornal do Senge

Depoimentos: Marcos Antonio Silveira Castanheira, Nelson Amanthea

Bibliografia

AMANTHEA, Nelson R. *De volta para o futuro: o Aquífero Guarani como alternativa viável ao desenvolvimento da região de Londrina*. Londrina: mimeo (Dis. mestrado em administração-UEM/UEL), 2004.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAAHL, Zeny. (orgs.) **Paisagens, textos e identidades**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. pp. 13-74.

⁷ - Em seu depoimento, Amanthea, considerou que a desmobilização ocorreu em função da falta de apoio financeiro e, que ele mesmo, havia se esgotado e não tinha mais condições de continuar liderando e promovendo as atividades necessárias.

SILVA, Andressa Lourenço. *Loteamentos residências exclusivos de Londrina: outras fronteiras imaginárias e invisíveis*. Londrina (mimeo: Dis. Mestrado em Geografia- UEL) 2007.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo, Cia das Letras, 1996.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

WORSTER, Donald. El agua em la historia moderna. Temas y preocupaciones. *Ilé: Anuário de Ecologia, Cultura y sociedad*. 5, n. 05, 2005. p. 115-128. Habana: Fundacion Antonio Nunez Jimenez de la naturaleza e el hombre.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 198-215.